

## Aplausos e tiroteios

AUGUSTO BOAL

O elenco respira fundo antes que a cortina se abra para o agradecimento ritual: noite de estréia. Sobe o pano, brilham luzes, surgem emocionados rostos na platéia, ouvem-se aplausos frenéticos, gritos histéricos, assovios. Talvez se escute algum comentário menos eufórico: “Ele é mais bonito na TV do que ao vivo!”; ou, “Não entendi nada, mas gostei de tudo!”; ou, ainda, “Podia ser meia hora mais curto, não se perderia nada...”; ou, pior, aquele mortífero “Onde é que nós vamos jantar? Estou com fome!”

Em noite de estréia, esperam-se apologias e benquerenças – ninguém vai ao camarim só pra dizer: “Achei uma merda! Que idéia mais maluca montar essa droga!” No máximo, pode alguém exclamar, surpreso: “Sabe que eu gostei? Gostei sim, juro... quem diria?”

Platéias, como sabemos, são heterogêneas.

O fracasso também existe: sete minguados espectadores gritam anêmicos “Bravos!”, o elenco agradece e um ator anuncia que ainda restam duas derradeiras representações no fim da semana... se houver público. Pede que não esqueçam de avisar os amigos, caso tenham gostado; os inimigos, caso contrário. Sorrisos forçados.

“Onde foi que nós erramos?” – pergunta-se o elenco, sentado em cadeiras de palha, dignas de um deprimido Van Gogh com a orelha quente na mão.

Mas nem só de aplausos vive o artista. Vive também de tiroteios. Suas relações com o público podem ser de comunhão, duelo ou guerra. Quero contar três exemplos, tirados da minha vida artística.

J  
A  
O  
B  
O  
S  
T  
O  
J  
G  
J  
A

*Opinião* foi um musical que dirigi no Rio de Janeiro, logo depois do golpe de 1964. Naquela época não existiam computadores nem fax; para se telefonar de uma cidade a outra era preciso paciência e muita fé. Quem estava sendo procurado pela polícia em São Paulo mudava-se para o Rio, e vice-versa: ficha limpa. Voltei a trabalhar em Copacabana.

O *show* – com Nara Leão, Zé Ketí e João do Valle – tinha sido escrito por Vianinha, Armando Costa e Paulo Pontes. A esses, seria justo juntar Teresa Aragão, Ferreira Gullar e João das Neves, que, se não escreveram, foram importantes com seus conselhos.

Os três cantores cantavam suas vidas em forma de diálogo: não cantavam para o público nem para os gordos microfones pretos de antigamente: cantavam conversando – era teatro. Nara, João e Zé misturavam músicas conhecidas com outras acabadas de fazer, canções entrecruzadas com poemas e notícias de jornal. Até o célebre *Carcará* vinha misturado com estatísticas sobre a fome no Nordeste.

*Opinião* era uma mistura de todas as revoltas, mistura de música e teatro, em um espetáculo com atores e platéias comungados. Todos cantavam – artistas e público entravam em cena como se fosse de braço dado. Quando Zé Ketí cantava que “podem me prender, podem me bater, que eu não mudo de opinião!”, a platéia jurava a mesma jura, bem afinada! Quando Nara e, mais tarde, Bethânia, explicavam a personalidade do famoso *Carcará*, um bicho que pega, mata e come, a platéia entoava junto a mesma valentia.

No fim, o teatro vinha abaixo de vigoroso aplauso – aplauso misturado: espectadores aplaudiam os artistas e aplaudiam-se a si mesmos, porque haviam cantado a mesma recusa, proclamado a mesma *Opinião*: abaixo a ditadura!

Nunca um aplauso foi tão coletivo e indiscriminado! Não sei se era um fenômeno catártico ou puro *doping*, mas sei que era inevitável. Alma lavada!

Um ano mais tarde, dirigi *Arena canta Babia* com Bethânia, Gal, Caetano, Gil, Tom Zé e Piti. Todas as noites o censor cortava uma nova música, até então permitida. A memória prodigiosa de Caetano sempre nos ajudava a substituí-la por outra, que também seria, no dia seguinte, mutilada. Até que ameacei: “Se cortar alguma coisa mais, vou substituí-la por *Parabéns pra você* e *God Save the Queen*: vai ficar ridículo proibir essas também...” O homenzinho concordou, mas foi chamar a polícia, que deu ordem de pri-

são a cantores e músicos. Como estavam em cena, trabalhando, os policiais tiveram que esperar o fim do espetáculo. Espectadores foram comprar sanduíches, cigarros, chocolate e até uma garrafa de conhaque para oferecer ao elenco: era noite e fazia frio. A prisão foi relaxada, mas a censura mantida. Espectadores solidários, porém resignados.

O terceiro exemplo foi a *Feira paulista de opinião*, em junho de 1968. Opiniões – era o que mais tínhamos naquela época... – contraditórias. Na *Feira*, o aplauso foi o silêncio.

Meu espetáculo tinha textos de Guarnieri, Plínio, Lauro César, Bráulio Pedroso e Jorge Andrade; músicas de Gil, Caetano, Ari, Edu e Sérgio Ricardo. Mais de cinquenta artistas plásticos ofereceram seus trabalhos, todos respondendo à mesma pergunta, usando sua arte e não apenas palavras: o que pensa você do Brasil de hoje? Ninguém pensava amenidades em 1968!

No dia da estréia veio a polícia e proibiu tudo, até os cenários e a luz. Revoltados, artistas e espectadores, fomos ocupar o palco do Teatro Maria della Costa, perto do nosso, interditado, e, nos quinze minutos que nos foram oferecidos, cantamos nossas canções para a platéia da Fernanda Montenegro, que nos cedeu a cena, para provarmos que não aceitávamos a censura: Cacilda Becker havia proclamado a nossa desobediência civil, no mais puro estilo Gandhi.

No dia seguinte, todos os teatros paulistanos estavam cercados pela polícia. Fomos em silenciosa procissão para um teatro de Santo André, e lá fizemos o mesmo: cantamos nosso protesto. No terceiro dia, quando já não tínhamos mais para onde ir, um juiz nos concedeu mandado de segurança para encenarmos a peça, sem nenhum corte, até a sentença definitiva.

Sabor de liberdade: se antes éramos obrigados a enviar nossos textos para Brasília, onde censores executavam cirurgias sem anestesia, agora podíamos dizer o que nos viesse à cabeça, sem dar satisfações.

Dezembro vinha vindo, a cavalo. Enquanto os fascistas graduados preparavam o AI-5, a repressão clandestina já ensaiava seus crimes. Uma atriz foi raptada no Teatro de Arena por paramilitares disfarçados de espectadores, e reapareceu, cinco dias mais tarde, em um quartel, no Rio de Janeiro. Em outros estados do Brasil, vários raptos se sucederam – mais tarde, depois do segundo golpe, seriam assassinatos e não apenas prisões! Heleny Guariba foi, entre os artistas, o caso mais notório de execução sumária.

No mesmo teatro Ruth Escobar em que estava, na sala de baixo, a nossa *Feira, Roda viva*, de José Celso, baseado em texto de Chico Buarque, foi invadida, na sala de cima, atores espancados e cenários destruídos.

A partir desse dia, nós e outras companhias teatrais, antes dos nossos espetáculos, ao invés dos usuais exercícios de aquecimento de corpo e voz, nos preparávamos para o enfrentamento, praticando tiro ao alvo. Baixava o pano e tremiam as pernas: será hoje?

Imaginem a cena: findo o espetáculo, dois estudantes amigos ficavam de fora da cortina, um de cada lado, com a missão de nos avisar, caso uma parte da platéia avançasse contra nós. A cortina se levantaria e não seríamos vítimas passivas da repressão: tínhamos como nos defender. Imaginem o horror: se invadissem o palco, o tiroteio seria inevitável.

A temporada foi assim, até o fim: em São Paulo, jogaram uma granada de gás lacrimogêneo na única estreita saída do nosso teatro lotado, ameaçando pisoteios no estouro do pânico. No Rio, uma granada foi jogada contra o palco do teatro João Caetano durante a matinê da *Feira*. Felizmente, a granada era *made in Brazil* e não explodiu, mas... e se fosse tcheca? Quem contaria esta história?

São águas passadas, sim... mas o rio continua correndo e trazendo novas águas, jamais potáveis. Hoje, quando o Centro do Teatro do Oprimido, que eu dirijo, trabalha em favelas cariocas, não é raro que os nossos artistas populares tenham que se deitar no chão evitando balas perdidas, nas lutas entre gangues do narcotráfico, com a polícia de permeio.

Hoje, pelo menos, não somos nós os seus alvos preferidos, mas... Será que as balas sabem disso? Foram avisadas de que nós somos *apenas* artistas?

No Brasil, ser artista de teatro é muito perigoso...